

UM SECRETÁRIO-GERAL PÓS-OCIDENTAL

*Álvaro Vasconcelos*¹

A eleição de António Guterres para secretário-geral das Nações Unidas é uma boa notícia para a comunidade internacional.

É uma boa notícia pela visão clara que António Guterres tem da situação internacional e da evolução para um mundo policêntrico, pós-ocidental, em que é preciso assumir o declínio, relativo no caso dos Estados Unidos e ainda mais pronunciado da União Europeia. Guterres sabe, como afirmou em entrevista a Teresa de Sousa, que «hoje é evidente que nada se pode fazer sem os EUA, mas que os EUA já não podem fazer nada sozinhos».

Se tivermos em conta, por exemplo, que a Índia, com mais de mil milhões de habitantes, não é membro do Conselho de Segurança, como não o são o Brasil ou o Japão, podemos ter uma ideia da fraqueza do organismo que deve assegurar a paz e a estabilidade mundiais. Os problemas do mundo não precisam só do empenho de europeus e norte-americanos, precisam da Rússia e da China, mas também de muitos outros atores globais e regionais.

Para que o multilateralismo seja eficaz tem que ser inclusivo. Há quem não o tenha ainda compreendido e pense que o Ocidente ainda vai reconquistar a predominância que tinha no momento unipolar do pós-Guerra Fria: é o que afirma Trump e é o que pensam muitos que apoiam Hillary Clinton. São os que se opõem que o ocidente perca a hegemonia que detém nas organizações multilaterais, como as Nações Unidas, o Banco Mundial e o FMI, para ter em conta as mudanças de poder ocorridas no mundo.

Guterres tem uma visão do mundo que permite a promoção do multilateralismo inclusivo, como aliás já o demonstra o facto de ter tido o apoio de todos os membros permanentes do Conselho de Segurança. De forma algo paradoxal, António Guterres, que foi primeiro-ministro de um país membro da NATO, terá que ser um secretário-geral pós-ocidental para ter sucesso.

Terá também que ser capaz de ser uma consciência moral perante os crimes contra a humanidade. António Guterres criticou, durante a sua campanha, os membros do Conselho de Segurança pela sua inação na tragédia Síria, tendo alguns comentado que com essas críticas Guterres parecia ter abandonado a ideia de ser secretário-geral. Afinal, era exatamente o contrário.

Chegou o momento das Nações Unidas terem um secretário-geral que lembre aos membros do Conselho de Segurança, nomeadamente aos permanentes, as suas responsabilidades. Alguém que seja uma voz da humanidade comum, na linha da atuação de Kofi Annan depois dos massacres do Ruanda e da Bósnia, nos anos 90. Que as Nações Unidas sejam capazes, como diz Guterres, «de proteger os mais vulneráveis dos vulneráveis».

Ban Ki-moon fez da promoção da Responsabilidade de Proteger uma das grandes prioridades do seu mandato, e conseguiu ver aprovada pelo Conselho de Segurança a necessidade de proteger os líbios do massacre pelas tropas de Kadafi. Depois, viu todos os seus esforços destruídos pela força arrogante e desrespeitadora dos princípios das Nações Unidas na forma como foi aplicada a resolução pela coligação ocidental. Em consequência, o princípio da Responsabilidade de Proteger não foi aplicado na Síria e Ban Ki-moon sai com as Nações Unidas a permitirem um novo Ruanda.

A situação é hoje incomparavelmente mais complexa do que era aquando dos massacres do Ruanda, em 1994, quando uma nova ordem internacional multilateral parecia possível. A grave clivagem entre a Rússia e os EUA, em consequência dos bombardeamentos russos de Aleppo, criou uma guerra diplomática, levando

¹ Antigo Diretor do Instituto de Estudos de Segurança da União Europeia.

a enormes tensões no Conselho de Segurança e ao congelamento das negociações para a paz na Síria. Segundo Richard Gowan, investigador da Universidade de Nova Iorque, especialista em questões das Nações Unidas, estamos a assistir à maior crise das Nações Unidas desde a Guerra do Iraque, o que faz com que «o novo secretário-geral vai liderar uma organização à beira da falência política».

Neste quadro, a tarefa de António Guterres será tudo menos fácil, sobretudo perante a urgência de procurar consensos para por termo à tragédia humanitária na Síria, mas também da necessidade de restaurar o prestígio, duramente abalado, e a capacidade das operações de paz das Nações Unidas, como o Sudão do Sul demonstra. Mas a lista de crises a precisar de uma intervenção diplomática, humanitária e eventualmente de capacetes azuis das Nações Unidas é muito mais longa, do Líbano à Líbia, passando pela Palestina, para não falar do Afeganistão e do Iraque, países onde a ONU não tem atualmente grande capacidade de atuação. E é fundamental ter consciência que as missões de paz terão que ser cada vez mais robustas, como será certamente o caso na Síria, quando a paz chegar.

O facto de ter sido escolhido por unanimidade, com os representantes dos Estados Unidos e da Rússia a louvarem a sua nomeação é um sinal de que a sua eleição é um bom presságio, mas será na Síria que se irá jogar, em larga medida, o sucesso da ação das Nações Unidas e do seu novo secretário-geral. Não poderia ser um teatro mais difícil e por isso, como dizem os ingleses, *fingers crossed*.